Camarada: Comentário sobre o livro de Jodi Dean

Luiz Marques

18/12/2023

A nova-iorquina Jodi Dean, professora de teoria política e teoria feminista, em *Camarada: um ensaio sobre o pertencimento político* (Boitempo), estuda os afetos em torno da identidade política, da lealdade ao programa de superação do *status quo* e da irmandade cotidiana daquelas e daqueles que comungam os sonhos revolucionários. A palavra "camarada" condensa no tratamento o que projeta nas relações sociais, presentificando o futuro e pondo em prática uma utopia, aqui e agora.

Na apresentação, Christian Dunker destaca: "Sob esse significante de resistência, reúnem-se formas múltiplas de vida e identidades caracterizadas por uma condição comum, de luta pela igualdade e pela solidariedade. Comunistas, socialistas, anarquistas, cooperativistas são todos camaradas; mas, ainda que ele possa ser qualquer um, nem todo mundo pode ser um camarada. A diferença entre ser igual e desejar na mesma direção torna-se assim crucial. O camarada é um indutor da experiência do comum, experiência orientada pela fidelidade a uma verdade". Tem convicção e oferece provas.

A etimologia latina de camarada remonta à *camera*, quarto ou abóboda, o espaço que estabelece a divisória entre quem está dentro e quem está fora. Em francês, *camarade* indicaquartel ou quarto, algo compartilhado por soldados. Em alemão, *genosse* está vinculada ao verbo *geniessen*, que indica o desfrute coletivo de uma propriedade. Em russo, *tovarish*, advém de *tovar*, que reporta a irmãos no comércio. Em chinês, *tongzhi* substitui designações hierárquicas e de gênero por vetores igualitaristas. Para Slavoj Zizek, "é o grau zero do comunismo, pressuposto da nova ordem social".

Hasta la victoria

Jodi Dean compara o camarada a uma multidão. Ambos têm a mesma substância, uma "descarga igualitária". O igualitarismo é a senha. A diferença é que na multidão as fortes vibrações são momentâneas; nos camaradas, permanentes. Tal corresponde a um ideal do eu com a expectativa de uma intervenção para modificar a realidade, ao lado dos que marcham e cantam *A Internacional.*

“Ao lutarmos juntos por um mundo livre de exploração, opressão e intolerância, precisamos poder confiar uns nos outros e contar uns com os outros. A palavra camarada dá nome a essa relação”. O som que identifica-a tem um caráter igualador e anti-hierárquico, por sobre as diferenças de sexo, raça ou classe persistentes no capitalismo. Mais, engendra atitudes: (a) disciplina; (b) alegria; (c) coragem e; (d) entusiasmo. Ser de esquerda, por suposto, é ter compromissos com a transformação radical. Para isso, é indispensável a camaradagem entre os que se dão as mãos. *Hasta la victoria.*

O vocábulo da esquerda mundial equivalente a “companheira / companheiro” exprime o utopismo. A impressão, vivida, de que a camaradagem nas organizações anticapitalistas antecipa a sociedade socialista deve-se ao contraste com o que está aí. O risco consiste em minimizar a necessidade da reeducação para ultrapassar a barreira da “liberdade dos modernos”, focada apenas na vida privada.

Mudar o mundo

“Quando as pessoas dizem ‘camarada’ elas mudam o mundo”. A assertiva evoca o conto de Máksim Górki, de mesmo título, também publicado pela Boitempo. No conto, ao ecoar o chamativo em uma cidade hostil aos mais pobres, os vulneráveis tomam consciência de sua força e rompem os grilhões da escravidão ideológica. A cena em que uma prostituta sente a mão em seu ombro e, ao escutar o enunciado, se coloca a chorar é muito marcante. Sinaliza o instante em que ela deixa de ser um objeto sexual de consumo, para se tornar o sujeito político das mudanças em um destino lúgubre.

Jodi Dean sublinha a passagem da melancolia à euforia, com a citação d’*Os condenados da terra*, de Frantz Fanon, que enfeixa a obra anticolonialista com a ode aos que cumprem papel de parteiras de um outro mundo: “Pela Europa, por nós mesmos e pela humanidade, camaradas, temos de mudar de procedimento, desenvolver um pensamento novo, tentar colocar de pé um homem novo”.

Na continuação, cita *Homenagem à Catalunha*, de George Orwell, que comemora a Barcelona de 1936 na Guerra Civil Espanhola com camaradagem utópica. “As formas servis e cerimoniosas de tratamento tinham desaparecido temporariamente. Ninguém mais dizia ‘*señor*’, ‘*dom*’, ‘*usted*’; todos se chamavam de ‘ *camarada*’ e ‘*tú*’, e diziam ‘*salud!*’ em vez de ‘*buenos días”’*. Um brinde.

Comuna de Paris

A camaradagem vai além da fraternidade entre irmãos. Segundo Frida Kahlo, inclusive, vai além do amor, aludindo o relacionamento com Diogo Rivera: “Diogo não é marido de ninguém e nunca será, mas é um grande camarada”. Nem o sangue ou o casamento servem de medida. Tampouco heranças por parentesco, que subtraem o laço material onde uns precisam dos outros. A camaradagem tem conotação política; o amor e a amizade conotações interpessoais. Em certas conjunturas polarizadas, a política, o amor e a amizade podem entrar em conflito e se fragmentar, em vez de harmonizar.

Em 1866, em um texto dirigido à Associação Internacional dos Trabalhadores, Marx corrobora os vínculos de afeição: “É um dos grandes propósitos da associação fazer que os trabalhadores de diferentes países não apenas se *sintam*, mas também *ajam* como camaradas no exército da emancipação”. Não basta compartilhar um programa político, para a real *práxis* transformadora.

Os *communards* da Comuna de Paris equivalem ao “camarada genérico”. Em uma efetiva revolução popular estavam na mesma trincheira, ombro a ombro. O termo é adotado pelos socialistas em fins do século XIX, na Alemanha. Na Inglaterra, propaga-se na acepção de Walt Whitman que – na base do homossocialismo – inspira a estreita interconexão entre o companheirismo e a camaradagem.

Sujeito esquecido

Hoje, no turbilhão totalitário do neoliberalismo que eclipsou as lides coletivas e sacramentou o hiperindividualismo, o espírito da mercadoria se universalizou a par do ressentimento avesso à política do bem comum, reduzida a uma *realpolitik* de negociações na institucionalidade. Trata-se de lutar por uma

sociedade que não considere o ser humano como uma mera unidade econômica, descartável feito um peão no xadrez, como faz o sistema capitalista e seus *think tanks* pelo mundo afora, em defesa das desregulamentações dos órgãos de controle do Estado e do livre mercado.

A “fenomenologia dos afetos” releva o dogmatismo dos antigos PCs e a elisão de sovietes na ex-URSS. Se a subjetividade do camarada genérico é minada pela burocracia do aparelho partidário, então o processo de burocratização conseguiu destruir os laços de camaradagem. No lugar, foi posto um vazio de pensamento sem a bandeira de uma nova ordem social. Um tamanho tropeço encaixa-se na traição à dialética nos anos 1930 e no assassinato de Trotski. Toda fé determinista na história rompe com um “marxismo aberto” e com os valores da emancipação, pois suspende o pensamento.

O futuro depende da combinação do socialismo com a democracia. Esse é o significado do slogan sessentista “*l’imagination au pouvoir*” (a imaginação ao poder). É o que distingue o militante. A saber, o “profeta” na acepção do Primeiro Testamento bíblico de quem aponta caminhos alternativos para abrir o horizonte da manhã. A história das ideias políticas explica o exercício do poder através de várias figuras: o príncipe, o senhor, o cidadão, o burguês, o general, o presidente. Jodi Dean, ao enaltecer as mentes e os corações dos que se batem pelos ideais associativos, civilizatórios, pós-capitalistas, homenageia o protagonismo de um sujeito injustamente esquecido. Sim, o *Camarada.*

***Luiz Marques** é Docente de Ciência Política na UFRGS, ex-Secretário de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul.*

Compartilhe nas redes: